

# Saúde, Razão Prática e Dimensão Simbólica dos Usos da Internet: notas etnográficas sobre os sentidos da reprodução

Health, Practical Reason and Symbolic Dimension of Internet Usages: ethnographic notes on the meanings attributed to reproduction

## Eliane Portes Vargas

Doutora em Saúde Coletiva. Pesquisadora do Instituto Oswaldo Cruz/Fiocruz.

Endereço: Laboratório de Educação em Ambiente e Saúde, Av. Brasil, 4365, Manguinhos, CEP 21045-900, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

E-mail: epvargas@ioc.fiocruz.br

## Resumo

Este trabalho buscou analisar os usos da internet tendo em vista a difusão de valores sociais associados à popularização da temática da reprodução humana em *websites* de saúde. Resulta de uma pesquisa etnográfica mais ampla sobre casais inférteis, realizada no Rio de Janeiro entre 2004 e 2006, que contemplou as reverberações da não reprodução involuntária do ponto de vista de casais dos estratos médios superiores, a partir de suas trajetórias de vida. Este artigo circunscreve-se à análise de tópico específico relativo aos usos da internet no acesso às informações sobre o tema da infertilidade conjugal. Mediante a diversidade de perspectivas teóricas no estudo da internet em diferentes campos disciplinares, a análise comporta breves considerações sobre as particularidades da utilização da abordagem antropológica relacionada ao tema. Os resultados indicam as conexões entre a popularização da temática analisada na internet, seus usos e as condutas sociais. Predominam concepções naturalizadas sobre a reprodução e o impacto da não reprodução involuntária entre os casais apontam significativas diferenças relativas ao gênero. Os usos da internet refletem o caráter auto-reflexivo na constituição dos sujeitos e identidades sociais e apontam os nexos entre a medicalização do social, a dimensão reprodutiva do corpo, particularmente o corpo feminino, e o fenômeno da individualização na cultura ocidental moderna.

**Palavras-chave:** Antropologia cultural; Internet; Saúde; Gênero; Reprodução.

## Abstract

This work analyses the usages of the internet in view of the diffusion of social values associated with the popularization of the human reproduction theme in health websites. These reflections are the result of a broader ethnographic research on 'infertile couples', developed in Rio de Janeiro (2004/2006), which approached the repercussions of involuntary non-reproduction from the viewpoint of upper middle-class couples, having as a starting point their life trajectories. Semi-structured interviews were conducted, as well as the observation of each interview's context, with 16 coupled individuals, all of them employed university graduates with some kind of difficulty in having children. The analytical *corpus* included the monitoring of internet discussion groups on the subject. This article is circumscribed to the analysis of specific topic relative to the usages of the internet for access to information on the theme of couple's infertility. Due to the diversity of theoretical perspectives on the study of the internet in different disciplinary fields, the analysis provides brief considerations about the particularities of the use of the anthropological approach to the theme. The results show the connection between the popularization of the analyzed theme on the internet, its uses and social conducts. The naturalized conceptions of reproduction are predominant, and the impact of involuntary non-reproduction among couples points to significant gender-related differences. The uses of the internet indicate a self-reflective character in the constitution of individuals and social identities, and point to the connections between the medicalization of the social sphere, the body's reproductive dimension, particularly the feminine body, and the phenomenon of individualization in modern western culture.

**Keywords:** Cultural Anthropology; Internet; Health; Gender; Reproduction.

## Introdução

Há um ano atrás eu e meu esposo decidimos ter um filho, infelizmente ainda não engravidei, fomos investigar e, num exame chamado espermograma não tivemos bons resultados, no momento estamos preocupados, talvez por meio natural não será possível termos um filho. Se alguém já passou por experiência parecida e gostaria de dividi-la comigo e com outras pessoas que estejam na mesma situação, por favor envie sua mensagem. Anônima, InForum, <<http://inforum.insite.com.br/9206/1544684.html>>. Acesso em 7 de setembro de 2004.

A epígrafe acima apresenta um fragmento de discurso extraído de uma Lista de Discussão disponível na internet que ilustra os muitos diálogos travados entre seus participantes com o objetivo principal de conhecerem experiências comuns sobre não conseguir ou ter dificuldade para ter filhos. As participantes procuram nesta modalidade de interação *on-line* uma oportunidade de partilharem dúvidas e expressarem sentimentos, considerados de foro íntimo e pessoal, a respeito das dificuldades dos casais em gerar filhos.

Este trabalho<sup>1</sup> busca refletir especificamente sobre os usos da internet relativos ao tema da reprodução humana a partir das narrativas de casais denominados "inférteis" pela biomedicina. Os dados apresentados neste artigo resultam de uma pesquisa etnográfica mais ampla sobre "casais inférteis" pertencentes aos estratos médios letrados no Rio de Janeiro. O interesse da pesquisa foi analisar tal experiência do ponto de vista de casais que indicaram algum impedimento para terem filhos a partir de suas trajetórias de vida<sup>2</sup>. "Casal infértil" consiste em uma categoria biomédica predominante nas informações, eminentemente médicas, disseminadas pelos diversos meios de comunicação que informam experiências de casais nessa situação.

Ao destacar essa "comunicação virtual", encontrada frequentemente nas incursões à *web* visando

1 Este artigo consiste em uma versão aprimorada do *paper* intitulado "A (re) valorização da reprodução nas divulgações médicas sobre infertilidade" e aprovado no XIII Congresso Brasileiro de Sociologia, mai/jun de 2007, UFPE/ Recife (PE) no Grupo de Trabalho Saúde e Sociedade.

2 A pesquisa foi desenvolvida no âmbito do doutorado: VARGAS, Eliane Portes. 'Casais inférteis': usos e valores do desejo de filhos entre casais de camadas médias no Rio de Janeiro. Tese (Doutorado em Saúde Coletiva) - IMS/UERJ, 2006.

à solução de problemas de saúde relacionados à infertilidade conjugal, o intuito não foi revelar os conteúdos das mensagens, mas indicar como questões corriqueiras, aparentemente fragmentadas, heterogêneas e dispersas, e que se apresentam aos nossos olhos como experiências singulares, subjetivas e individuais, exprimem os variados sentidos atribuídos à dimensão reprodutiva do corpo e as marcas sociais que a constituem.

A difusão das informações na internet (aquí circunscrita aos Portais de Saúde e aos Fóruns de Discussão) ilustram, de forma significativa, a ênfase da perspectiva biomédica nos modos de divulgação de temas de saúde nos meios de comunicação. Esses modos podem ser considerados como um acréscimo ao processo de medicalização da reprodução, como sugerido por Vance (1995) no que se refere à medicalização da sexualidade, uma vez que os especialistas atuam como difusores de valores sociais e de circulação em termos da produção de novas identidades (Rabinow, 1999). Para Vance a medicalização tende a aumentar, à medida que autoridades médicas e especialistas no assunto são acionados para a obtenção de informações e a aconselhar parte da população. De acordo com Citeli (2002), a mídia no Brasil tem sido incluída na rede de atores que integram a produção da ciência, em decorrência do esforço empreendido pelas ciências biológicas na divulgação do conhecimento científico. Esse pode ser considerado o caso da internet como um meio que reúne modalidades midiáticas cada vez mais intercambiáveis, como a mídia impressa e a televisiva, em que se observa um grande investimento na palavra dos especialistas (Ramírez-Gálvez, 2003).

Embora os usos da internet na saúde coletiva sejam ainda pouco estudados, esse tema tem emergido de forma crescente, tanto entre pesquisadores interessados na tematização da popularização da ciência e da divulgação científica, quanto entre os que dedicam sua análise à obtenção de informações, ao autocuidado em saúde e ao impacto dos meios e das mediações nas relações médico-paciente (Castiel, e Vasconcellos-Silva, 2002; Lefèvre e col., 2007; Garbin e col., 2008). Alguns dos autores assinalam a diversidade de repertórios e informações disponíveis na internet, caracterizando-a como um espaço de popularização da ciência e de promoção

da saúde (Santos, 2007). Essa ideia é compartilhada por outros que identificam os meios de comunicação em geral como canais privilegiados de divulgação científica (Pechula, 2007). Outras análises apontam as possibilidades do uso da internet como instrumento de ação de empoderamento, compreendidas a partir da problematização do caráter autônomo das mediações na relação do homem com o corpo e a mente (Lefèvre e col., 2007). Essas distintas perspectivas podem ser relevantes para a compreensão dos usos da internet como um recurso a serviço da divulgação científica, bem como para a promoção da saúde, e de suas implicações para a existência individual e coletiva.

O artigo divide-se em três partes: na primeira são apresentados o material, as características e as questões do campo da pesquisa; na segunda são tecidas breves considerações sobre as implicações da utilização da internet como estratégia de pesquisa social na perspectiva antropológica, além de serem indicadas algumas iniciativas de pesquisa no campo da saúde; e a terceira analisa nas narrativas dos informantes da pesquisa as percepções e as práticas sobre a internet, enfatizando a dimensão de gênero como aspecto relevante no acesso às informações de saúde e de interações que têm como foco a reprodução.

## **Estratégias Metodológicas: a internet como parte do campo, as questões e o universo da pesquisa**

Este artigo apresenta a análise dos dados de entrevistas com casais inférteis a respeito do uso da internet para obter informações sobre o tema infertilidade conjugal. A pesquisa analisou as trajetórias individuais e dos casais de camadas médias no Rio de Janeiro que relataram dificuldades para ter filhos. Compuseram o universo do estudo casais residentes em bairros das zonas norte e sul do Rio de Janeiro, com posições sociais e condições materiais semelhantes, com acesso a bens de consumo como tecnologias médicas e computadores pessoais. Foram 16 entrevistados, unidos por união civil ou estável; inseridos no mercado de trabalho (ao menos um dos cônjuges); universitários (ao menos um dos cônjuges); com ou sem filhos, cujas

trajetórias indicaram algum impedimento para ter filhos: cinco homens e cinco mulheres, casados entre si; quatro mulheres unidas; uma mulher separada e uma solteira. Dos 14 homens e mulheres unidos, oito têm filhos, cinco não têm e uma estava grávida no momento da pesquisa.

O material levantado na internet foi utilizado inicialmente de forma exploratória e se constituiu como mais uma das vias de incursão ao trabalho de campo. O acesso aos casais não constitui tarefa fácil nesse tipo de pesquisa uma vez que o segredo e o sigilo são dimensões relevantes do tema (Tamanini, 2003). O universo cultural do grupo estudado tem como característica principal o fato de os indivíduos compartilharem uma visão de mundo em sentido amplo (Geertz, 1989) e agregarem traços de um *ethos* privado não confessional no que se refere às áreas da sexualidade, da família e da reprodução. Nesse universo a promoção da autonomia, da interiorização e da “psicologização” são modos de expressões predominantes da ideologia individualista, embora essa difusão de valores não se dê de forma generalizada (Duarte e col., 2004).

Assim, a incursão exploratória pela internet teve por objetivo primeiro ampliar o acesso aos informantes visando à composição do grupo do estudo. No entanto, a riqueza dos dados determinou sua progressiva incorporação à pesquisa resultando na consolidação de dois eixos de análise que trazem aspectos interessantes relacionados tanto ao tema abordado quanto ao seu modo de disseminação: (1) o valor positivo desse tipo de interação *on-line* entre indivíduos com problemas comuns exemplificado pelos participantes das Listas de Discussão; (2) o acionamento dos *websites* como fonte de “consultas” e informação para subsidiar previamente os interessados no assunto no diálogo em consultas médicas realizadas face a face.

As entrevistas com os casais contemplaram questões gerais abertas acerca do seu acesso às informações sobre infertilidade: “como busca informações sobre o tema” e “se os interessados utilizam jornais, revista, internet, televisão ou outros meios para obter informações”. O material levantado a partir do tema da pesquisa foi analisado visando responder à seguinte indagação: Como se estabelecem as relações entre o grupo da pesquisa, indivíduos de estratos superiores letrados da sociedade, com os canais de divulgação científica e popularização de temas de saúde, em particular o tema da infertilidade conjugal? Para respondê-la buscou-se compreender o lugar simbólico que as interações virtuais ocupam na apropriação das mensagens sobre a infertilidade por parte de potenciais usuários dos serviços de saúde especializados em reprodução humana.

A metodologia foi composta do levantamento de *websites* que ofereceram um conjunto considerável de informações relevantes sobre o tema, além de entrevistas e da observação das interações com os casais. O levantamento reuniu 51 páginas da *web* (português) denominadas “Portais da Saúde” e seis Listas de Discussão, dentre elas três *chats* entre junho de 2004 e janeiro de 2006. Esses portais são vinculados a instituições diversas ligadas ao desenvolvimento da medicina no que se refere a pesquisa e aspectos clínicos. Esse material foi analisado em outro artigo.

Foi selecionado para o monitoramento um Grupo sobre Infertilidade e o UOL (Universo *Online* - uol.folha.equilibrio), que conta com uma grande circulação de mensagens. Trata-se de um portal de conteúdo e provedor pago de acesso à internet ligado ao Jornal impresso *Folha de S. Paulo*. No ano de 2005 (Acesso em: 25/5/2005), esse grupo somava 7782 mensagens sobre infertilidade, bem superior a outros temas do mesmo grupo, tais como nutrição, primeiro filho, saúde, sexo e qualidade de vida, computadas em no máximo 28 mensagens.

As estratégias metodológicas adotadas foram completadas com o contato com quatro integrantes deste Grupo de Discussão, sendo que um valorizou a iniciativa a partir da importância que atribuiu ao tema e se dispôs a colaborar em sua divulgação e três responderam a questões, por correio eletrônico, extraídas do roteiro de entrevistas dirigidas aos casais. Dentre as três informantes, uma se mostrou interessada em realizar a entrevista, então, foram realizadas duas entrevistas, com ela e o marido, em sua residência. As questões respondidas contemplaram indagações específicas sobre a importância em participar de fóruns dessa natureza, além do tema central da pesquisa e dos tópicos específicos sobre o uso da internet. Outro Grupo de Discussão UOL, chamado “Quero Ser mãe” - Folha Online, da

colunista Cláudia Collucci, chamou nossa atenção. O monitorado realizado entre 25/11/2003 a 19/04/2005 resultou no levantamento de todas as mensagens, porém esse material não será analisado aqui, pois se trata de um conjunto extenso e merece uma análise específica. Sua menção nesse artigo visa indicar o interesse do público pelo tema. O sucesso da coluna entre as mulheres e participantes do fórum determinou a criação de um *Blog* (página da *web* composta de textos que descrevem fatos e opiniões apresentados de forma cronológica e atualizada frequentemente).

O Grupo UOL Infertilidade é caracterizado por uma interação interpessoal à distância, ou seja “virtual”. No decorrer da pesquisa, as participantes desse grupo organizaram uma reunião no Rio de Janeiro. Essa iniciativa, no entanto, não se efetivou. A comunicação *on-line* parece ser mais efetiva quanto aos seus objetivos, pois diferem das interações cotidianas “encarnadas”, que caracterizam as redes de sociabilidade e as relações familiares. Quando se trata de ter filhos e da dificuldade de tê-los, muitas vezes as integrantes do fórum consideram que os de fora não compreendem a situação dos de dentro (referindo-se ao pertencimento do grupo virtual). Talvez essa seja uma forma de compensar os efeitos da percepção de uma posição *outsider* em que se encontram no mundo “real”. Esses e muitos outros aspectos puderam ser identificados por meio do monitoramento semanal das mensagens veiculadas no decorrer de 2004 e 2005, que continham as discussões entre as participantes do grupo. A busca semanal pelas mensagens permitiu observar os temas mais mobilizadores, como os que têm sido divulgados nos meios de comunicação, como a escolha do sexo do bebê por meio de tecnologias médicas e a possibilidade de acesso a tratamento pela rede pública de serviços de saúde, entre outros. Esse monitoramento permitiu observar também como as integrantes reagem às tentativas frustradas, com desabafos sobre as principais preocupações, o que as aproximou, em certa medida, das questões presentes no universo do grupo entrevistado. Uma delas referiu-se às trocas de informações sobre os procedimentos médicos, bastante comum em situações de infertilidade e altamente valorizadas. O valor

reside em poder conversar com os médicos de igual para igual, visando cercar todas as possibilidades mais favoráveis à concepção. Esse aspecto também pôde ser observado nas entrevistas. Muitas vezes os casais desconfiam dos encaminhamentos dos médicos, principalmente os que não são especialistas em reprodução, vistos como despreparados, e se sentem traídos pela medicina. Estar mais informado serve, de certo modo, de anteparo e de proteção no lidar com aspectos considerados indesejáveis na relação com a medicina reprodutiva, tais como a indicação precipitada de procedimentos considerados invasivos e abuso nos custos financeiros.

A procura por informações é uma marca significativa das interações na internet e reflete a importância da figura do especialista na interpretação do tema, tão evidente que por vezes as participantes alertam as novas visitantes para o limite dessa colaboração, uma vez que sempre é preciso consultar um médico. Por fim, para os seus participantes, Grupos de Discussão com essas características cumprem uma função interativa e podem consistir, ainda que com limites, em fonte de dados e em material de análise sobre o tema.

## O Uso da Internet na Pesquisa Social: breves considerações metodológicas a partir da perspectiva antropológica

Algumas considerações precisam ser feitas sobre a utilização das informações colhidas nos *websites* para fins da pesquisa social quanto à potencialidade e aos limites de sua construção como objeto de estudo na perspectiva antropológica aqui adotada. Ainda que de forma não exaustiva, cabe tecer algumas considerações sobre as implicações metodológicas com relação ao tema. Para o antropólogo Hermano Vianna (1995), esse meio eletrônico é dirigido a uma parcela incluída digitalmente, mas não oferece condições de delimitação do universo sociocultural em questão. Uma segunda consideração do autor refere-se ao aspecto autoral, que coloca em discussão sua representatividade quanto aos temas abordados. Para Vianna (1995), a *web* é uma criação coletiva em

que inexistia a obediência a uma instância central de produção nem a uma regra cultural específica. Segundo o autor a *web* foi criada em regime de auto-organização e as páginas são instâncias de mediação para outras constituídas de textos, imagens e sons continuamente re combinadas pelos diversos leitores. Essa modalidade de estrutura textual baseada em hipertextos desestabiliza a noção de autoria uma vez que quase sempre o autor das partes das páginas consultadas não é conhecido. No entanto, é notório o crescente interesse sobre a internet e seus usos em variados campos do conhecimento.

No que se refere ao método e às técnicas de pesquisa Mayans i Planells (2002) problematiza as muitas peculiaridades e dificuldades com que se depara a abordagem antropológica de trabalho de campo nesse tipo de abordagem. A realização de uma investigação etnográfica sobre um *chat*, por exemplo, impõe ao investigador que o trabalho de campo se realize em grande parte à frente do computador, o que sugere até certo ponto um paradoxo quando se imagina a feitura do trabalho de observação participante apartado da interação face a face e em completo isolamento físico. Esses assinalamentos são procedentes uma vez que há uma preocupação, conforme assinala DaMatta (1978), no que se refere à Antropologia, com as rotinas de pesquisa ou práticas do trabalho de campo, de onde decorre um considerável número de livros publicados dedicados ao assunto. De fato há uma tradição oficial e explicitamente reconhecida pelos antropólogos no ensino de como realizar a prática do trabalho de campo (Peirano, 1995). No entanto, as tradições relativas à constituição do campo da pesquisa não têm sido impedimento para a realização da abordagem antropológica em cenários específicos, como, por exemplo, as análises de arquivos e documentos, como têm demonstrado alguns autores (Venâncio, 2005; Giumbelli, 2002). Certamente há especificidades que caracterizam as práticas de sociabilidade denominadas virtuais e sua popularização como fenômeno urbano, mas parece importar mais do que o tema o ângulo por meio do qual esses trabalhos são escritos (Dornelles, 2004). Cabe indicar nesse sentido, iniciativas como a da revista *Horizontes Antropológicos* (Porto Alegre), que dedicou integralmente o v. 10, n. 21, jan./jun. 2004 a

uma série de artigos abrangendo grande variedade de assuntos, reunidos numa espécie de fórum de debates em torno do tema internet. As considerações feitas a partir desses estudos visam indicar os potenciais e os limites de seu uso na pesquisa social, particularmente na pesquisa antropológica.

Para além dos usos na pesquisa social e sua relação com campos disciplinares estritos, alguns autores têm problematizado, em diferentes áreas do conhecimento, a crescente utilização da internet nos contextos da educação e da saúde, considerando suas potencialidades como meio de comunicação e seus usos por grupos da população. Santos (2007) considera que o meio digital, particularmente a internet, consiste em um sistema complexo de comunicação caracterizado por um ambiente heterogêneo e, portanto, exprime os diferentes pontos de vista existentes sobre um determinado tema, o que permite o convívio entre diferentes culturas. Essa perspectiva em aberto ou em construção foi assinalada por Pierre Lèvy (1993), com relação ao uso de computadores na educação, que opera uma crítica quanto aos seus usos restritos no contexto educacional, uma vez que eles reproduzem um modelo tradicional de comunicação. O autor argumenta a impossibilidade de separar as dimensões políticas e culturais da técnica, no que se refere aos usos do meio digital mostrando que “não há informática em geral, nem essência congelada do computador, mas sim um campo de novas tecnologias intelectuais, aberto, conflituoso e parcialmente indeterminado. Nada está definido *a priori* (p. 9).”

Com base nessa linha de argumentações, parece plausível reconhecer o papel/função da internet como dispositivo de comunicação cada vez mais utilizado na educação, na saúde e em variados contextos inclusive entre populações com precárias condições materiais de existência, como demonstram os estudos sobre inclusão digital em populações desfavorecidas (Sorj e Guedes, 2005; Dias Junior, 2004). No campo da saúde, algumas iniciativas foram identificadas em um levantamento da literatura disponível na base Scielo. Nesse levantamento foram identificados 58 artigos a partir dos descritores Internet e Saúde no campo “Todos os itens” dessa base. Desse total, foram excluídos os artigos interna-

cionais e os que mencionavam, mas não analisavam, a internet como fonte complementar de obtenção de dados das investigações, o que resultou em 37 artigos que têm a internet como objeto de investigação. Dentre esses, nove dedicavam-se à prática médica relacionada à telemedicina e à tomada de decisões; cinco problematizavam o uso de computadores na prática de enfermagem; cinco exploravam as informações sobre doenças disponíveis em *sites*; cinco dedicam-se à análise da produção e comunicação científica relacionada ao tema; cinco analisavam as mediações culturais que envolviam comportamentos e identidades sociais ligados à internet; quatro ocupavam-se com processos educativos em saúde, destacando-se os Programas de Educação à Distância; dois discutiam sobre usuários de bibliotecas virtuais; e dois se ocupavam de questões relativas ao uso de medicamentos. A literatura levantada apontou o interesse pelo tema e os diferentes tipos de problematização chamando atenção o maior número de trabalhos sobre a relação da internet com a prática médica, bem como as mediações culturais nela presentes, como assinalado por alguns autores (Castiel e Vasconcellos-Silva, 2002; Soarez, 2004; Lefèvre e col., 2007; Abensur e col., 2007; Garbin e col., 2008).

Um estudo internacional sobre a utilização da internet como apoio diagnóstico, batizado de *Googling for a diagnosis* (Tang e Ng, 2006) ilustra a relevância que a problematização da internet e suas implicações como objeto da prática médica vêm adquirindo no campo da saúde. Nos 26 casos publicados na revista médica *New England Journal of Medicine* foram levantados por meio do Google dados que pudessem fornecer diagnósticos corretos para doenças a partir de sintomas informados. As buscas dos sintomas por meio de palavras-chave resultaram em diagnóstico preciso em 58% dos casos. Esses resultados trouxeram em um primeiro momento preocupação para a área médica, uma vez que a internet poderia se tornar fonte de automedicação de leigos. No entanto, um exame mais atento da questão revelou que a prática de pesquisar dados sobre enfermidades por parte dos pacientes apontava uma transformação da prática dos consultórios, especificamente nas relações de poder entre médicos e pacientes.

## Razão Prática e Dimensão Simbólica: valor positivo das interações e compensação da posição *outsiders* entre os casais

Na narrativa dos casais no contexto da pesquisa, tanto homens como mulheres recorreram à internet em busca de informações mais precisas sobre diagnósticos e tratamentos de infertilidade: “Quando eu cheguei no Dr. X fora que eu já tinha lido tudo. Eu já tinha entrado na internet, já tinha lido todos os casos. Aí já tinham as pessoas que tinham feito e já tinha dado certo” (Neide, 32 anos, nível superior, 1 filha).

Essa busca se caracteriza de modo geral por consultas direcionadas e diretamente relacionadas com o assunto a ser resolvido de imediato e em paralelo às consultas médicas, como ilustrado por Mário (39 anos, nível superior, sem filhos), que consultava médicos a respeito do espermograma e ao mesmo tempo a internet para se informar sobre o tema. A respeito da adoção como solução alternativa ao tratamento, um assunto cogitado pelo casal e que promoveu tensões no âmbito conjugal, Mário não procurou nenhuma informação, mas se informou sobre inseminação artificial, sua primeira opção. Para outro informante, Otávio (E13, Otávio, 41 anos, casado, nível superior), a ‘net’ é muito vasta e abre um leque de possibilidades para se acessar diretamente os laboratórios e centros de pesquisas. Desse ponto de vista, a internet permite um conhecimento sobre os procedimentos e o que pode ser feito no caso de uso de medicamentos, nem sempre regulamentado para seu uso. Esse era o caso da mulher de Mário, que fazia uso de medicamentos com eficácia não comprovada e ainda em fase experimental. Segundo os depoimentos, é possível conhecer, via internet, tanto os efeitos colaterais de um medicamento quanto os benefícios dos tratamentos na maioria dos casos. As mulheres utilizavam esse recurso por uma razão prática: discutir em posição mais igualitária com os médicos, como ilustra Neide:

*Sobre inseminação, eu acho que procurei muita coisa na internet. E o que achei na internet era suficiente. Era tão científico também. Tanto que os médicos, o Dr. X, o Dr. Y, tinham páginas [na*

*internet] e eu ficava discutindo com eles: vamos fazer o laparoscopia agora... eu quero implantar depois de não sei quantos dias. [...] Eu estava passando muito mal. E ninguém acreditava. Fui na clínica, quando o cara fez ultra-sonografia ele já me deu direto, o remédio e tal. Eu conseguia saber exatamente o que estava acontecendo (Neide, 32 anos, nível superior, 1 filha).*

Nas interações virtuais o termo “tentante” se refere à mulher que deseja engravidar e consiste em uma construção metafórica para designar as mulheres que tentam ter filhos. Essa expressão, amplamente utilizada nas mensagens dos *websites*, foi descrita por uma informante participante do Grupo de Discussão UOL (uol.folha.equilíbrio.infertilidade, 2 de novembro de 2005). Para as participantes do grupo que se autodenominam “tentantes” apenas três letras (*tem*, em substituição a *ges*) as distanciam da condição almejada - a de gestante. Na narrativa dos entrevistados da pesquisa tentar a gravidez, e esperar por ela, são categorias nativas recorrentes não sendo observada nenhuma autodescrição dos indivíduos como inférteis. O tempo, por vezes longo, destinado à concretização do desejo de ter filhos significa dedicação, grande investimento emocional e dispêndio financeiro nas múltiplas tentativas de engravidar, ou seja, os casais não se consideram inférteis e sim “pessoas que não conseguem engravidar”. Eles têm problemas que, assim como qualquer outro acometimento de saúde, são passíveis de intervenção médica. Com o objetivo de transpor os muitos obstáculos enfrentados na trajetória de casal e itinerário terapêutico, os indivíduos com dificuldades de ordens diversas de ter filhos acionam a internet como estratégia de informações sobre tratamentos.

As participantes indicaram por meio das interações, sobretudo, uma distinção simbólica entre os que têm filho e os que não têm. A mensagem recebida no decorrer do trabalho de campo por Renata (35 anos, nível superior com pós-graduação), uma das participantes de grupo *on-line*, exprime de modo apropriado a relação das mulheres com os Grupos de Discussão na internet, cuja função é romper com certa percepção de isolamento acerca da experiência:

*É insuportável algumas vezes você não ter com quem falar sobre esse assunto. Pois “ele” está*

*vivo durante todas as 24 horas do dia, e o mundo sempre parece grávido. Dizer isso a alguém que não vive ou viveu isso, é às vezes inútil... porque alguns sentimentos não são conhecidos até se deparar com essa situação. [...] Entre as “tentantes” há um pacto silencioso, eu acho... Se você conseguir talvez eu também tenha chance... Então vou lhe ajudar pra que você tenha seu filho, pra termos mais depoimentos que me animem, que me façam acreditar. (Renata, 35 anos, casada, nível superior, mensagem via e-mail).*

Cabe destacar nas interações, a presença de marcadores sociais, como geração e gênero, que configuraram descrições da biologia e informam os parâmetros do comportamento para fins reprodutivos. Um exemplo disso é o limite de idade para as mulheres terem filhos, em um contexto promissor de ampliação das chances de mulheres com idades mais avançadas engravidarem. A mensagem intitulada “Idade é segredo?” é sugestiva. Ela versa sobre a percepção do silêncio em torno do tema, e por isso considerado tabu, observado e denunciado por uma participante em torno da infertilidade a partir dos quarenta anos. Para tentar romper essa barreira, a mensagem convida as mulheres do fórum a fazerem um movimento inclusivo das “Velhinhas tentantes”. A idade feminina como parâmetro preciso de intervenções tem sido observada em diversas ações medicamente assistidas. Um caso evidente é o do controle pré-natal, que prescreve um número maior e mais invasivo de exames (como a amniocentese, um procedimento clínico utilizado no diagnóstico de anormalidades genéticas no embrião ou no feto, por exemplo) a partir dos 35 anos.

A idade limite de 35 anos, definida pelo saber biomédico para as mulheres, além da história clínica, indica definições culturais de masculino e feminino presentes na descrição da avaliação médica. No entanto, diferentes definições são utilizadas na delimitação do período reprodutivo da mulher que, em termos demográficos, é dado pelo intervalo entre 15 e 49 anos. Essa definição mostra haver uma idade socialmente aceita para ser mãe.

Um dos aspectos comuns identificados entre as participantes do Grupo de Discussão e das entrevistas refere-se ao uso da internet para trocas de informações sobre os procedimentos médicos, bastante



comum em situações de infertilidade e altamente valorizadas. Como já mencionado os casais, e particularmente as mulheres, consideram que estar mais informados serve, de certo modo, de anteparo para lidar com os procedimentos habituais da medicina reprodutiva e dúvidas decorrentes da comunicação, linguagem e/ou prescrições às quais estão submetidas, como exemplificado pelos depoimentos.

Para Odete (37 anos, nível superior, 1 filha adotada, submetida a tratamento para ter um filho biológico), entrevistada e integrante do Grupo Discussão, a internet cumpre a função de acesso à informação, pois é nesse grupo que ela obtém o maior número de respostas para suas dúvidas. Nem todas as informantes da pesquisa valorizaram a *web* como recurso e apesar de o experimentarem, de algum momento, o recusam. Aline (33 anos, nível superior) informou que havia encontrado muito material interessante na internet, mas acabou abandonando essa fonte:

*Tinha uma coisa muito genética também que eu lia e não entendia nada então eu meio que abandonei. E tinha aqueles sites mais assim, populares, que tinha aqueles esclarecimentos mais de senso comum, que aí também chegou uma hora que não me satisfazia mais. Ou dedicava-me a uma leitura médica que eu não entendia nada ou eu ficava lendo aquelas coisas; aí eu abandonei.*

Quando informada de que o uso da internet estava sendo comum nas entrevistas e perguntada sobre o que achava respondeu: “Aplaca um pouco a dor, né?”.

*Não é possível não tenha um 0800 para você ligar. Não se entende, né? Apoiam as pessoas com câncer, sei lá. Não é possível que não tenha um lugar para você ligar e ficar falando [...] Eu sentia muita falta disso. E não encontrava muita gente disposta a abrir a vida dessa forma e conversar. [...] Mas eu sei que eu entrei assim algumas vezes e aí fiquei lendo, e aí achei muito deprimente. [...] porque eu achei que era muito pesado* (Neide, 32 anos, nível superior, 1 filha).

Considerando-se o tema da pesquisa, que aborda o desejo de ter filhos, tido como de foro íntimo, a comunicação via internet, incluindo a modalidade *on-line*, parece ser mais efetiva quanto aos seus objetivos de

compartilhar experiências quando se trata de assunto considerado confidencial e que traz desconforto aos participantes nas redes de sociabilidade e relações familiares. As integrantes do fórum consideram que os de fora não conseguem compreender a dificuldade de ter filhos e suas repercussões na subjetividade, o que gera naqueles que a vivenciam uma percepção *outsider* dos casais de sua condição relativa ao desejo de filhos e constituição de família.

Os dados da pesquisa indicaram, com o adiamento de sua realização em função da inserção das mulheres no mercado de trabalho, uma intensificação do desejo feminino de ter filho, que resulta em sua problematização como um evento psicológico. A intensificação desse desejo se expressa nos grandes investimentos, materiais e simbólicos para essa realização, ao mesmo tempo em que se caracteriza em uma condição de *outsider* entre os casais, particularmente entre as mulheres sem filhos. Como analisado por Elias e Scotson (2000), essa condição expressa relações que definem, a partir dos estabelecidos - aqueles que têm filhos ou conseguem tê-los, os *outsiders*, ou seja, os que não os têm (ou não conseguem tê-los voluntariamente). Ilustra esse tipo de relação a presença no imaginário social dos indícios de imagens depreciativas da mulher sem filhos (mulher infértil), amplamente exploradas nas cenas de novela da televisão brasileira em detrimento das transformações dos valores e das identidades sociais (Vargas, 2006). No estudo do casal infértil, surpreendentemente, um sentimento de fracasso esteve presente na narrativa das mulheres mediante as tentativas frustradas de engravidar, o que ocorreu inclusive nos casos em que o problema era do homem (Vargas e col., 2007). Parece relevante assinalar que esse sentimento emerge apesar da ascensão social de mulheres, comparativamente a seus pais. Portanto, os usos da internet refletem o caráter auto-reflexivo na constituição dos sujeitos e identidades sociais e apontam os nexos entre a medicalização do social, a dimensão reprodutiva do corpo, particularmente do feminino, e o fenômeno da individualização na cultura ocidental moderna. Nesse tipo de comunicação a associação entre temas de saúde e mulheres prevalece, como indicam estudos que tematizam as relações entre internet e saúde (Soares, 2004), o que pode estar relacionado

às injunções históricas determinantes das relações entre corpo feminino e medicina cuja ênfase recai na função procriadora da mulher como decorrência das transformações sociais na modernidade (Rohden, 2002, 2003).

## A Guisa de Conclusão

Os resultados do estudo indicam as conexões entre a popularização da temática analisada na internet, seus usos e as condutas sociais com o predomínio de concepções naturalizadas sobre a reprodução. O impacto da não reprodução involuntária entre os casais aponta significativas diferenças relativas ao gênero e a comunicação via internet ilustra o caráter auto-reflexivo na constituição de sujeitos e identidades sociais, refletindo o fenômeno da individualização na cultura ocidental moderna.

O uso de recursos médicos conceptivos cada vez mais presente nos atuais modos de conceber exprime o valor positivo da reprodução e o processo de construção social da maternidade na sociedade contemporânea. O desejo de ter filhos delineado a partir de valores que associam maternidade e identidade feminina se caracteriza na atualidade pela ideia de ter filhos por opção e como realização a dois, o que expressa o vigor do laço conjugal na procriação, pelas atuais circunstâncias sociais como a chamada maternidade tardia. Com o adiamento da maternidade, em função das perspectivas profissionais femininas, o desejo de filhos arrisca não se concretizar, caracterizando-se no senso comum como uma obsessão das mulheres pela realização da maternidade. Nessa direção, trata-se de se indagar sobre os imperativos determinantes da necessidade de procriar ligada ao feminino que regem a constituição dos saberes, eruditos e populares, comportamentos e práticas. Esses imperativos emergentes em um contexto de luta pela igualdade de direitos e liberdade de opção exprimem determinados traços de configuração das relações estabelecidos-*outsiders*.

Na pesquisa sobre os casais inférteis o conjunto de informações difundidas pela internet cumpriu na pesquisa a função de ilustrar a existência de uma intensa proliferação de discursos sobre variadas dimensões da vida social relativas à reprodução, permitindo-nos identificar, a partir da perspectiva

antropológica, os mecanismos sociais que engendram essa difusão como um fenômeno social moderno, como mostra Foucault (1997). Esse resultado aponta a necessidade de se considerar, para além dos limites, as potencialidades desse meio e de seu uso no campo da pesquisa social, a exemplo dos estudos culturais de recepção em comunicação que tentam romper com o modelo dicotômico que muitas vezes dificultam a compreensão de como operam as relações entre sujeito-objeto na produção dos sentidos.

Por fim, considerando que as ciências sociais desempenham um papel relevante na análise dos meios em termos de comunicação social, o intuito é valorizar neste tipo de estudo uma interpretação que considere os fenômenos ligados à sexualidade e à reprodução nessa perspectiva. Como já assinalado anteriormente, no decorrer deste trabalho, a partir de Citeli (2002), esses fenômenos foram explicados predominantemente pela ótica da biociência. Como um dos meios de difusão de valores, a mídia, incluindo a internet, por meio da divulgação das representações sociais predominantes sobre reprodução, apresenta os indícios de uma intensa valorização da maternidade na atualidade. Nesse sentido, a difusão das informações - eminentemente médicas que informam a experiência dos casais -, pelos diversos meios de comunicação, é aqui considerada um elemento que se soma ao processo de medicalização social construído historicamente.

Nessa direção, os elementos destacados visam contribuir para dar maior visibilidade e fundamentar um amplo espectro de questões, subjetivas, individuais e coletivas, que envolvem o tema da reprodução humana, no qual a ausência involuntária de filhos constitui um caso particular. Isto pode ser ilustrado pelas dimensões simbólicas e razões práticas relacionadas aos usos da internet como estratégia e recurso acionado no campo da saúde.

## Agradecimentos

Agradeço a contribuição da profa Bila Sorj para a compreensão das “resistências” ou limites dos indivíduos mediante as atuais disponibilidades de recursos médicos e por indicar as perspectivas analíticas, que enfatizam o Individualismo e a Família,

na análise dos usos da internet. E à profa Myriam Lyns de Barros pelas considerações sobre a relação das camadas médias com os canais de popularizam informações de ciência e saúde, que permeia a análise da divulgação de mensagens sobre a infertilidade e reprodução.

## Referências

- ABENSUR, S. I. et al. Uso da internet como um ambiente para discussão de casos clínicos. *Revista Brasileira de Educação Médica*, Rio de Janeiro, v. 31, n. 3, p. 291-295, 2001.
- CASTIEL, L. D.; VASCONCELLOS-SILVA, P. R. Internet e o autocuidado em saúde: como juntar os trapinhos? *História, Ciências, Saúde - Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, p. 291-314, 2002.
- CITELI, M. T. A reprodução humana na pauta dos jornais brasileiros (1996-2000). In: OLIVEIRA, F. et al (Org.). *Olhar sobre a mídia*. Belo Horizonte: Mazza, 2002. p. 184-213.
- DaMATTA, R. Ofício do etnólogo ou como ter anthropological blues. In: NUNES, E. O. *Aventura Sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. p. 23-35.
- DORNELLES, J. Antropologia e internet: quando o “campo” é a cidade e o computador é a “rede”. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 10, n. 21, p. 241-271, 2004.
- DUARTE, L. F. D. et al. Família, reprodução e ethos religioso: uma pesquisa qualitativa no Rio de Janeiro. In: CONGRESSO LUSO-AFRO-BRASILEIRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, 8., 2004, Coimbra. *Anais...* Coimbra: CES, 2004. p. 14.
- ELIAS, N.; SCOTSON, J. L. *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.
- FOUCAULT, M. *História da sexualidade*. Rio de Janeiro: Graal, 1997. v. 1.
- GARBIN, H. B. da R.; PEREIRA, N. A. de F.; GUILAM, M. C. R. A internet, o paciente expert e a prática médica: uma análise bibliográfica. *Interface*, Botucatu, v. 12, n. 26, p. 579-588, 2008.
- GEERTZ, C. *A Interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- GIUMBELLI, E. Para além do trabalho de campo: reflexões malinowskianas. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 17, n. 48, p. 91-107, 2002.
- DIAS JUNIOR, N. N. *Inclusão digital: o caso da Estação Futuro da Rocinha*. 2004. Dissertação (Mestrado em Sociologia e Antropologia) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.
- LEFÈVRE, F.; LEFÈVRE, A. M. C.; MADEIRA, W. Hipertrofia das mediações, internet e empoderamento, no campo da saúde-doença. *Saúde e Sociedade*, São Paulo, v. 16, n. 3, p. 149-157, 2007.
- LÉVY, P. *As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.
- MAYANS i PLANELLS, J. Nuevas tecnologías, viejas etnografías: objeto y método de la antropología del ciberespacio. *Quaderns-e de l'ICA*, Barcelona, n. 17/18, p. 79-97, 2002. Disponível em: <<http://www.raco.cat/index.php/QuadernsICA/article/view/95531/163846>>. Acesso em: 16 maio 2007.
- PECHULA, M. R. A ciência nos meios de comunicação de massa: divulgação de conhecimento ou reforço do imaginário social? *Ciência e Educação*, Bauru, v. 13, n. 2, p. 211-222, 2007.
- PEIRANO, M. *A favor da etnografia*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.
- RABINOW, P. Artificialidade e iluminismo: da sociobiologia à biossociabilidade. In: BIEHL, J. G. (Org.). *Antropologia da razão: ensaios de Paul Rabinow*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1999. p. 135-157.
- RAMÍREZ-GÁLVEZ, M. C. *Novas tecnologias reprodutivas conceptivas: fabricando a vida, fabricando o futuro*. 2003. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

- ROHDEN, F. Ginecologia, gênero e sexualidade na ciência do século XIX. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 8, n. 17, p. 101-125, 2002.
- ROHDEN, F. *A arte de enganar a natureza: contracepção, aborto e infanticídio no início do século XX*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2003.
- SANTOS, N. B. Comunicação, educação e promoção da saúde na internet. In: SANTOS, A. (Org.). *Cadernos mídia e saúde pública: comunicação em saúde pela paz*. Belo Horizonte: ESP-MG, 2007. p. 37- 48.
- SOARES, M. C. Internet e saúde: possibilidades e limitações. *Textos de la CiberSociedad*, Barcelona, n. 4, 2004. Disponível em: <<http://www.cibersociedad.net/textos/articulo.php?art=51>>. Acesso em: 16 maio 2007.
- SORJ, B.; GUEDES, L. E. Exclusão digital: problemas conceituais, evidências empíricas e políticas públicas. *Novos Estudos - CEBRAP*, n. 72, p. 101-117, 2005.
- TAMANINI, M. *Novas tecnologias reprodutivas conceptivas à luz da bioética e das teorias de gênero: casais e médic@s no Sul do Brasil*. 2003. Tese (Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.
- TANG, H.; NG, J. H. K. Googling for a diagnosis - use of Google as a diagnostic aid: internet based study. *BMJ*, London, v. 333, n. 7579, p. 1143-1145, 2006.
- VANCE, C. S. A antropologia redescobre a sexualidade: um comentário teórico. *Physis*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, p. 7-31, 1995.
- VARGAS, E. P. *Casais inférteis: usos e valores do desejo de filhos entre casais de camadas médias no Rio de Janeiro*. 2006. Tese (Doutorado em Saúde Coletiva) - Instituto de Medicina Social da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.
- VARGAS, E. P.; RUSSO, J. A.; HEILBORN, M. L. Infertilidade e gênero entre casais de camadas medias no Rio de Janeiro. *Revista de Estudos Interdisciplinares*, Rio de Janeiro, ano 9, n. 2, p. 411-426, 2007.
- VENÂNCIO, A. T. A. As faces de Juliano Moreira: luzes e sombras sobre seu acervo e pessoal e suas publicações. *Estudos Históricos: Antropologia e Arquivos*, Rio de Janeiro, n. 36, p. 1-156, 2005.
- VIANNA, H. As tribos da internet. In: SEMINÁRIO PREPARATÓRIO SOBRE ASPECTOS SÓCIO-CULTURAIS DA INTERNET NO BRASIL, 1995, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: LNCC, 1995. Disponível em: <<http://www.alternex.com.br/~esocius>>. Acesso em: 12 jun. 2002.

Recebido em: 16/12/2008

Aprovado em: 12/07/2009